ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

Mercado como Construção Social e Campo: reflexões sobre a economia

Autores:
Juliana Aguiar de Melo - UFRJ - aguiarmelo@uft.edu.br

Resumo:

Este é um breve ensaio sobre o pensamento de Pierre Bourdieu a partir da obra “As Estruturas Sociais da Economia.” O objetivo é pincelar algumas reflexões que o autor traz em sua obra contrapondo as suposições minimizadoras da economia e suas implicações para explicação do mercado. Vamos apresentar, como o sistema de conceitos e a estrutura metodológica do autor são utilizados para explicar o mercado da casa. Como pano de fundo, Bourdieu faz uma crítica a explicação do mercado pela economia neoclássica com seus postulados e seu instrumental metodológico, pensando a economia como um mundo fora da sociedade, que funciona a partir de suas próprias leis. Nesta obra apresenta sua pesquisa na França e utiliza seus trabalhos sobre a Argélia para explicar a elaboração de alguns de seus conceitos e ao mesmo tempo fazer com que o leitor perceba que determinados mecanismos econômicos não são universais e que há muitos detalhes a serem analisados por uma perspectiva econômica não isolacionista.

MERCADO DA CASA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL E CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A ECONOMIA

1 - INTRODUÇÃO

Este é um breve ensaio sobre o pensamento de Pierre Bourdieu a partir da sua obra "As Estruturas Sociais da Economia." O objetivo aqui é pincelar algumas reflexões que o autor traz em sua obra contrapondo as suposições minimizadoras da economia e suas implicações para explicação do mercado. Vamos apresentar, como o sistema de conceitos e a estrutura metodológica do autor são utilizados para explicar o mercado da casa. Como pano de fundo, Bourdieu faz uma crítica a explicação do mercado pela economia neoclássica com seus postulados e seu instrumental metodológico, pensando a economia como um mundo fora da sociedade, que funciona a partir de suas próprias leis. O autor, durante todo o texto, contesta esta visão e mostra que o mercado não deve ser analisado de maneira generalizada e isolada, ao contrário, ele destaca que o mercado é construído socialmente em um determinado contexto histórico e que portanto é mais complexo do que a racionalidade instrumental é capaz de julgar.

As Estruturas Sociais da Economia foi uma das últimas obras de Pierre Bourdieu, onde sistematizou seu método e seu sistema de conceitos e apresenta toda estrutura conceitual que elaborou para dar conta de sua concepção antropológica da economia, destacando a importância do trabalho empírico para efetuar a ruptura necessária com o senso comum a partir do estudo do mercado da casa, analisando a demanda e oferta por habitações e nos possibilita compreender a complexidade de fatores que influenciam nesta formação e ainda sobre qual é o papel do Estado na construção deste mercado. Nesta obra apresenta sua pesquisa empírica na França na década de 1980 e utiliza seus trabalhos sobre a Argélia para explicar a elaboração de alguns de seus conceitos e ao mesmo tempo fazer com que o leitor perceba que determinados mecanismos econômicos, tidos como naturais e atomistas, não são universais e que há muitos detalhes importantes a serem analisados por uma perspectiva econômica não isolacionista. Não é possível para o sistema econômico se isolar, para se autoanalisar sem considerar o mundo social do qual é parte.

O texto está organizado em 4 partes, além desta introdução. O item 2 apresenta uma síntese da obra, no item 3 refletimos sobre a estrutura de conceitos e o método, no 4 esboçamos algumas reflexões e interpretações do mercado da casa e no 5 apresentamos as considerações finais. Esta estrutura permite construir os argumentos do Bourdieu e desconstruir, ou melhor dizendo, desnaturalizar a concepção neoclássica da economia.

2 – PRINCIPAIS PONTOS E SÍNTESE DA OBRA: ESTRUTURAS SOCIAIS DA ECONOMIA SOBRE O MERCADO DA CASA

No Livro "As estruturas Sociais da Economia", Bourdieu tem como objetivo realizar uma forte crítica a Teoria Econômica Neoclássica, realizando para isso uma contraposição conceitual àquelas universais da economia, que busca inserir todos os agentes a uma mesma análise, negligenciando contextos históricos importantes para entendimento do mundo social, principalmente aqueles relacionados à formação de preferências e tomada de decisão. Para tanto, lança a crítica:

> "A ciência que designamos por "economia" assenta numa abstração originária, que consiste em dissociar uma categoria particular de práticas, ou uma dimensão particular de qualquer prática, da ordem social em que toda a prática humana se encontra imersa. Essa imersão obriga [...] a pensar qualquer prática, a começar por aquela que se apresenta, da maneira mais evidente e rigorosa, como sendo "econômica", como um "fato social total", no sentido de Marcel Mauss" (Bourdieu, 2006, p.13).

Os estudos realizados pelo autor se distinguem da economia sob dois aspectos essenciais: 1) mobilizam um conjunto de dimensões da ordem social para além daqueles comumente tratados pela economia neoclássica para família, estado, escola, sindicatos, associações, etc; 2) arma-se de um sistema de conceitos que podem se apresentar como uma teoria alternativa para a compreensão da ação econômica. O sistema de conceitos inclui: habitus, capital cultural, capital social, capital simbólico e a noção de campo que são importantes e indispensáveis para exprimir uma visão diferente daquela que fundamenta implicitamente a Teoria Neoclássica. Para Bourdieu o mundo social encontra-se totalmente presente em cada ação econômica, sendo necessário construir modelos históricos que as justifiquem. Para isso, o autor desenvolve os conceitos: a) Habitus: nascido do esforço de relatar as práticas dos homens e das mulheres que se encontram lançados num cosmos econômico estranho e estrangeiro, importado e imposto pela colonização com um equipamento cultural e disposições nomeadamente econômicas, adquiridas num mundo pré-capitalista; b) Capital Cultural: visando descrever as diferenças, de outro modo inexplicáveis do desempenho escolar de crianças dotadas culturalmente de forma desigual e, mais geralmente, em todas as formas de práticas culturais ou econômicas; c) Capital Social: para descrever as diferenças residuais ligadas aos recursos que podem ser reunidos por procuração, através de redes de "relações" mais ou menos ricas, e que é frequentemente utilizado para corrigir as implicações do modelo dominante; d) Capital simbólico: para descrever a lógica da economia de honra e da "boa fé" e que pôde precisar e afinar, por e para a análise da economia dos bens simbólicos; e) Campo: utilizado para exprimir uma visão da ação radicalmente diferente daquela que fundamente a teoria neoclássica (Bourdieu, p.15)

O autor recorre a conceitos elaborados a propósito de objetos diversos, tais como: práticas rituais, comportamentos econômicos, educação, arte, literatura, sem sacrificar e ignorar as especificidades de cada microcosmo social. Neste sentido, critica o pensamento econômico com suas teorias e explicações gerais que sacrificam e reduzem toda a

complexidade social (fora de um contexto histórico e etnológico que considere realidades sociais como a família, as trocas entre gerações, a corrupção e o casamento) (Bourdieu, p.15). De maneira oposta a este pensamento econômico neoclássico, Bourdieu considera que o mundo social encontra-se totalmente presente em cada ação econômica, e por esta razão é necessário nos dispormos de todos os instrumentos necessários para justificar a ação econômica tais como se apresentam à observação empírica.

Nos anos 1960, Bourdieu analisou uma situação na qual os camponeses argelinos, dotados de disposições formadas pelo universo pré-capitalista, eram confrontados ao mercado, esse que os obrigavam a descobrir, ou melhor, a "reinventar, (...) tudo o que a teoria econômica considera como dado, isto é, como um dom inato, universal e inscrito na natureza humana" (Bourdieu, 2001: 17).

A ruptura nunca é tão difícil como quando o que se pretende questionar se encontra inscrito como princípios de práticas econômicas, nas rotinas mais banais da experiência ordinária. O trabalho de conversão que é necessário para romper com a visão primeira das práticas econômicas, que o autor chama de "Pão Cotidiano". Podemos citar como exemplo o cálculo de custos e perdas, os empréstimos a juros, dentre outras práticas, que na Argélia, Bourdieu percebeu que as tais práticas, universais a que a economia considera como "um dado", os agentes argelianos estavam na condição de "a descobrir" ou ainda de "reinventar".

Tudo que a ciência econômica coloca como um dado é com efeito o produto paradoxal de uma longa história coletiva, reproduzido sem cessar nas histórias individuais, que só a análise histórica pode resolver de forma completa:

> "é porque inscreveu paralelamente nas estruturas sociais e estruturas cognitivas, esquemas práticos de pensamento de percepção e de ação, que a história conferiu às instituições cuja economia pretende fazer a teoria não-histórica a sua aparência de evidência natural e universal; isto, nomeadamente, através da Amnésia da Gênese, que favorece neste domínio e noutros, o acordo imediato entre o "subjetivo" e o "objetivo", entre as DISPOSIÇÕES e as POSIÇÕES, entre as antecipações e as oportunidades (Bourdieu, p.19)".

Contra a visão não histórica da Ciência Econômica, torna-se necessário reconstruir a gênese das disposições econômicas do agente econômico e a gênese do próprio campo econômico, quer dizer, fazer a história do processo de diferenciação e de autonomização que conduz a constituição deste jogo específico que coloca a economia como um universo separado, e que podemos metaforizar com a tautologia "os negócios são os negócios" ou "nos negócios não existem sentimentos" que impõe o cálculo do lucro como um princípio de uma visão dominante. No entanto, o universo da razão é também um universo de crença; paradoxalmente, o universo da razão enraíza-se numa visão de mundo que se atribui um lugar central ao princípio da razão e não tem a razão por princípio (Bourdieu, p.19).

A revolução ética do termo da qual a economia se pôde constituir enquanto tal, na objetividade de um universo separado, regido pelas suas próprias leis encontra sua expressão

na teoria econômica "pura" que registra, inscrevendo-a tacitamente no princípio da sua construção de objeto, o corte social e a abstração prática de que o cosmo econômico é produto. Existe um desvio sistemático entre modelos teóricos e práticas efetivas, e diversos trabalhos de economia experimental mostraram que em muitas situações os agentes efetuam escolhas sistematicamente diferentes daquelas que se podem prever a partir do modelo econômico (não jogam os jogos de acordo com as predições da teoria dos jogos e recorrem a estratégias práticas). Esta discordância empiricamente constatada é o reflexo do desvio estrutural entre a lógica do pensamento escolástico e a lógica prática "entre as coisas da lógica e a lógica das coisas".

As disposições e os esquemas moldados pela imersão num campo que se distingue dos outros campos sob vários aspectos, e nomeadamente por um grau excepcional de "racionalização formal", podem engendrar práticas que se revelam conforme a racionalidade sem que se possa, contudo, supor que elas tem sempre a razão como princípio (Bourdieu, p.22).

O proveito econômico é uma forma específica que reveste o investimento no campo econômico quando este é apreendido por agentes dotados das disposições e crenças adequadas. A economia tende a tratar disposições econômicas como variáveis definidas exogenamente pela natureza humana universal e neste aspecto falha já que as disposições são variáveis endógenas e dependentes de uma história.

A economia das práticas econômicas encontra o seu princípio não nas "decisões" da vontade e da consciência racional ou nas determinações mecânicas nascidas de poderes exteriores, mas nas disposições adquiridas através de aprendizagens associadas a uma longa confrontação com as regularidades do campo. Seria mais apropriado que estas disposições criassem comportamentos razoáveis que racionais, já que os agentes orientam-se em função de intuições e antecipações no sentido prático (habitus irreflexível). Derivado ao fato de a lógica econômica do juro e do cálculo ser indissociável daquilo que se constitui o cálculo econômico, o cálculo utilitarista não é capaz de descrever completamente as práticas imersas no "não econômico", não sendo possível justificar o que torna possível o cálculo econômico. Como exemplos Bourdieu cita o campo religioso e o campo artístico que obedecem a leis que não são as leis do campo econômico, que embora possam localmente se submeter ao princípio da economia, não se pode esperar compreender o funcionamento a partir deste único princípio:

> "todos os cálculos do mundo a propósito dos cálculos envolvendo o mercado da arte não farão avançar um passo a compreensão dos mecanismos que constituem a obra de arte como um valor susceptível de ser envolvido em cálculos e transações econômicas" (Bourdieu, p. 24).

A economia neoliberal deve um certo número das suas características ao fato de se encontrar imersa, quer dizer, enraizada em um sistema de crenças e valores, um ethos e uma visão moral do mundo, em síntese, um sentido comum econômico, ligado às estruturas cognitivas de uma ordem social particular." E é a esta economia particular que a teoria neoclássica vai buscar os pressupostos fundamentais, que ela formaliza e racionaliza,

constituindo-as assim em fundamentos de um mundo universal. O que corresponde dizer que mais que qualquer outro campo, o campo econômico se encontra habitado pelo Estado que contribui, em cada momento, para sua existência e a sua persistência, mas também para a estrutura da relação de forças que o caracteriza.

Vê-se bem, por essa via, que a imersão da economia no social é tal que (...) se torna necessário manter na mente que o objeto real da verdadeira economia das práticas não é outra coisa senão a economia das condições de produção e reprodução dos agentes e das instituições de produção e reprodução econômica, cultural e social, quer dizer, o próprio objeto da sociologia na sua definição mais completa e mais geral (Bourdieu, 2006, p.29).

Por essa razão a própria imensidade da tarefa faz a sociologia abdicar de rivalizar com a economia mais pura, sem renunciar a proposição de modelos mais fundados na descrição do que na dedução, e capazes de fornecer antídotos eficazes ao morbus mathematicus e a dedicar-se ao prazer de descobrir que alguns dos problemas que desconcertam de tal forma os economistas encontram talvez o início de solução desde que se deixe o ar rarefeito da teoria pura (Bourdieu, p.26).

2.1 – O Mercado da Casa

O objetivo do capítulo 1 é afrontar os pressupostos da economia com as armas da ciência social com um objeto tipicamente partilhado pela economia: a produção e comercialização de casas individuais, fazendo surgir questões adicionais a propósito da visão antropológica que a maior parte dos economistas introduzem na sua prática.

As escolhas econômicas dependem de uma série de fatores para serem conformadas. Elas devem levar em consideração as preferências sobre comprar ou alugar uma habitação, se o imóvel deverá ser novo ou antigo, se será tradicional ou industrial. Para entender as preferências nas ciências econômicas o Teoria Neoclássica, cria uma série de suposições que permitem fazer com que a escolha seja racional e que portanto, todo o processo de formação de preferências também o seja.

Uma escolha racional equivale a uma escolha ótima, ou seja, a melhor escolha sempre. A consolidação de uma escolha está condicionada as disposições econômicas dos agentes, e estas são socialmente construídas e dependem das preferências, dos meios econômicos disponíveis e do estado da oferta de habitações. A teoria neoclássica assume estas variáveis como “dadas” e com isso embute uma simplificação desprezando todo o mundo social por de trás da ação econômica. Toda a formação de preferências, assim como os meios econômicos disponíveis dependem de todo um conjunto de condições econômicas e sociais produzidas pela “Política do Alojamento”, que vão deste formas de regulamentação, subsídios para favorecer uma ou outra preferência, isenções e crédito aos construtores, etc.

“O Estado, e aqueles que estão em condições de impor as suas perspectivas através dele, contribui para produzir o estado do mercado de habitações – orientando direta ou indiretamente os investimentos financeiros (e também afetivos) das diferentes categorias sociais em matéria de alojamento (Bourdieu, 2006, p. 33)

O mercado das casas individuais é o produto de uma dupla construção social, para o qual o Estado contribui de maneira decisiva, a construção da procura e a construção da oferta. O autor busca trazer elementos importantes para a análise da demanda e da oferta de habitações, de modo a mostrar que todo o processo de construção está carregado de história e de símbolos e que não tem nada a ver com consciência sem passado da teoria ortodoxa. A Decisão Econômica não é a de um agente econômico isolado, mas a de, um coletivo, grupo, família ou empresa funcionando como campo. A análise deve assim dedicar-se a descrever a estrutura do campo de produção e os mecanismos que lhe determinam o funcionamento e também a estrutura da distribuição das disposições econômicas, sem esquecer de estabelecer por uma análise histórica, as condições sociais da produção deste campo particular e das disposições que aí encontram a possibilidade de se realizar de forma mais ou menos completa.

3 – REFLEXÕES SOBRE OS CONCEITOS E MÉTODO DE PIERRE BOURDIEU

Nesta sessão, ainda que não se siga a estrutura da obra em análise, serão apresentados aspectos gerais e importantes da estrutura metodológica de Bourdieu. O ponto de partida do autor é uma leitura de Marx. Ele é um marxista que pretende trazer outros elementos além daqueles presentes na obra de Marx para explicar como se fabrica o social através do processo de dominação que gera conflito, gera lutas cujo o centro, é a luta de classes. A sua construção metodológica contempla as três concepções epistemológicas, Positivismo, Historicismo e o Materialismo Metodológico, a forma de explicar objetivamente o mundo está sempre condicionada ao contexto (momento histórico e a forma de pensar esse mundo).

A ideia do autor é desmistificar a ideia de uma sociedade aberta, democrática, igualitária que igualiza as pessoas porque dá oportunidade para todas. Por trás dessa democratização há muitos “filtros” em função do que foi acumulado como capital cultural, que se reflete numa trajetória exitosa, ou seja, as pessoas “escolhem” sua trajetória conforme esses filtros. Dar objetividade as relações de dominação é o centro do pensamento do Bourdieu e por isso é conhecido pela prática do pensamento paradoxal, ou seja, critica as “doxas”, as crenças ideologicamente construídas que naturalizam as relações de dominação.

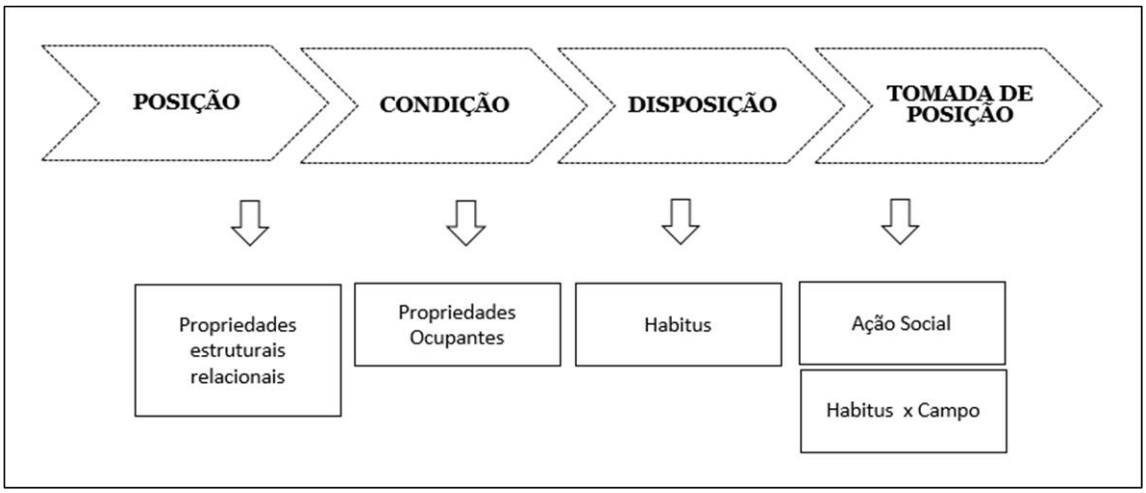
Em seu pensamento o autor traz como herança, contribuições de Durkheim, Marx e Weber. Durkheim apresenta a possibilidade de uma ciência do mundo social, que se organiza conforme uma realidade objetiva possível de ser captada pelo mundo científico. Para Bourdieu o positivismo é possível, mas para isso é preciso criticar as categorias de pensamento que naturalmente estão postas, a sociedade é uma materialidade é uma morfologia, a neutralidade é uma conquista da prática científica, não há uma neutralidade em si mesma. Marx, está presente na ideia de que uma realidade social decorre também do significado que os atores dão a uma determinada realidade social, isso é uma construção social, que ajuda a entender o que é classe social como sendo um atributo da estrutura social. A classe dos dominados e dominantes existe objetivamente por uma relação social. O mundo operário não sabe que é classe social e vive em uma situação de dominação/alienação sem perceber sua posição na sociedade. O fenômeno classe social é um evento da estrutura, independentemente se as pessoas veem ou não, o mundo social dessa maneira. Bourdieu vai fazer uma mudança importante dessa concepção, trazendo Weber (a importância do sentido)

para dentro do campo marxista. É preciso que o sentido do mundo social permita as pessoas verem o grupo social como classe social numa estrutura de classe. E isso não é um atributo só da estrutura, mas também da ação social no sentido de construir o sentido das classes, ou pode ser o sentido de não construir o sentido da classe. As classes no papel existem, mas isso não é suficiente para conformar um fato social, é preciso que os dominados passem a ver sua realidade nesse sentido de dominação, ou seja, construção do sentido.

Sua proposta teórica consiste em superar oposições clássicas da sociologia: indivíduo versus sociedade; representação versus estrutura e estrutura versus prática. Sua pretensão é constituir uma forma de construir o social ao mesmo tempo da estrutura e da prática. A estrutura é imune a prática? Ela não resulta da prática? Como se reproduz? O conceito de habitus, que é a estrutura estruturante da estrutura da ação, ajuda na explicação e acaba com esta dualidade.

Como síntese da sua proposição teórica, o diagrama 1 é uma representação da sua estrutura metodológica, que ajuda na compreensão de seu pensamento.

Diagrama 1 – Posições relacionais e propriedades estruturais



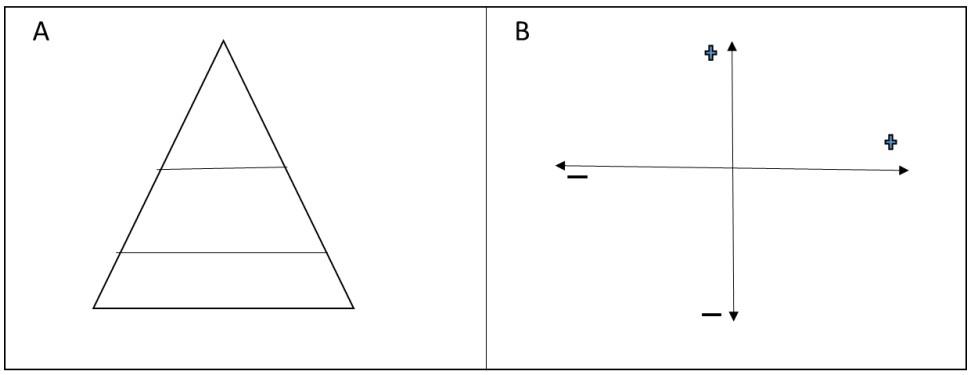
Fonte: Aula de Sociologia e Território. IPPUR, 2018.

De uma maneira simplificada essa estrutura é organizada por posições que geram condições, presentes na vida concreta dos indivíduos, de avaliar as disposições desse mundo que vai impulsionar a tomada de posição. O habitus é dimensão irreflexível dos agentes, irreflexível é um conjunto de ideias que estão na cabeça do indivíduo, que o mesmo não dá muita importância. É uma coisa que está naturalmente no indivíduo, ele não escolhe, é inconsciente. Weber, vai nos falar da ideia de ethos, conjunto de valores, mas que o indivíduo tem consciência e escolhe. O habitus é diferente do ethos, já que é construído a partir de uma prática, de uma vivencia, ou seja, a prática social tenderá ao habitus. A tomada de posição representa uma luta para manter, confirmar ou mudar de posição e influenciar, ou não, todo o processo. Então temos que a estrutura é uma estrutura que gera ações estruturais. O agente não é um simples reprodutor do mundo social, ele é reprodutor, mas também toma decisões.

O agente é alguém que age e decide, mas também está “condicionado” ao mundo social, ou seja, é resultado de transformações que ocorrem no mundo social.

Para construção do espaço social alguns princípios são fundamentais, começando pela hierarquia posicional que tradicionalmente possui apenas uma dimensão, conforme ilustra a figura 1-A, e Bourdieu amplia para uma dimensão espacial que leva em consideração diferentes dimensões conforme a estrutura e o volume de capitais, figura 1-B.

Figura 1 – Espaço Social



A – dimensão tradicional B – dimensão espacial

Fonte: Aula de Sociologia e Território. IPPUR, 2018.

A dimensão espacial, ilustrada na figura 1-B inclui a analise posições relacionais, de distanciamento e proximidade, e essas posições são constituídas, se estruturam a partir do habitus, cuja a posição é estruturante e dependente do volume e da composição dos capitais (poder) que são acumulados por investimento, herança, renda, etc e se acumulam e se reproduzem. O habitus é produto dos capitais.

O capital se apresenta sob diversas formas: capital econômica, capital cultural, capital social, capital simbólico, etc.

> Aqui é preciso lançar mão de tudo o que diz respeito ao simbólico, capital simbólico, interesse simbólico, lucro simbólico...chamo de capital simbólico qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, da estrutura de distribuição do capital do campo considerado.” (Razões Práticas, p. 149).

O espaço social vai se organizar em campo, que é o conjunto de posições próximas a si, como se institucionaliza um campo de ação. Não há uma teoria geral do campo, cada

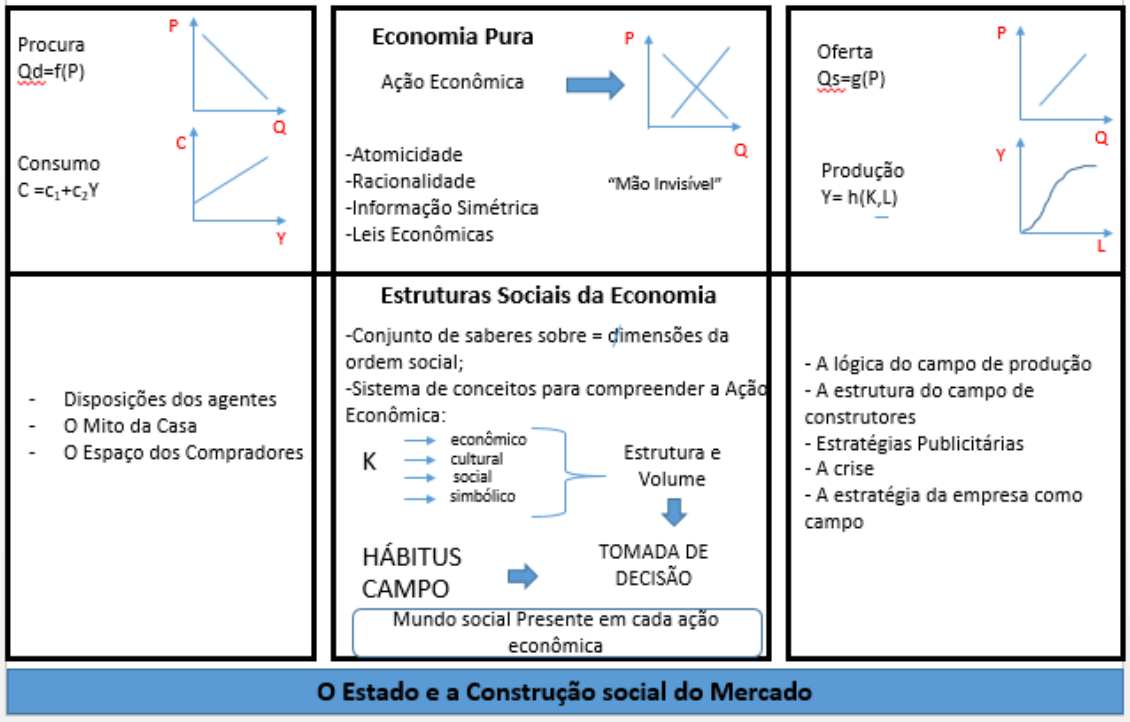
sociedade vai organizar por posições próximas ao espaço social, e conforme o capital que constitui o campo. É o resultado da institucionalização das posições em função da posição do capital que constitui aquela posição. Instituições são posições legítimas para a tomada de posição em um campo específico, conforme categorias de percepção, categorias de visão e habitus.

Entre as diferentes formas de capital, o econômico e o cultural fornecem os critérios de diferenciação, os mais pertinentes para a construção do espaço social das sociedades desenvolvidas. Qualquer forma de hierarquia de dominação do espaço social pode ser constituído como capital, como resultado da posse do capital. Então temos que para a construção do social para diferenciação ou para manutenção de posições sociais se estabelece conforme: a) volume de capital: ter mais capital; b) composição do capital: cada posição é uma combinação de capital, então a posição é definida pelo volume e composição dos das diferentes formas de capital, mas considerando outros aspectos que também influenciam a posição, tais como: trajetória social, idade, sexo, localização geográfica.

4 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES A PARTIR DA OBRA

Nesta sessão faremos um exercício de reflexão e desconstrução de várias questões, para isso utilizaremos uma ilustração-síntese, que tem como objetivo demonstrar o processo metodológico organizado em um complexo de conceitos que busca relacionar e diferenciar a argumentação de Bourdieu com os processos de racionalização instrumental da economia neoclássica. A figura 2 apresenta essa ilustração-síntese.

Figura 2 – As estruturas sociais da economia sob duas concepções.



Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

A figura 2 tem a intenção de sintetizar e ilustrar as diferenças entre economia pura, neoclássica, onde opera a mão invisível do mercado, com uma análise mais complexa desse mercado como uma construção social.

A economia neoclássica, simplifica o mercado, tendo o preço como uma única variável geradora/promotora do equilíbrio, e ainda, que os desequilíbrios (ocasionados por processos de escassez, excessos e falhas de mercado), vão gerar novos equilíbrios, supondo flexibilidade dos preços e salários. Para que isso aconteça, a ação econômica é absolutamente condicionada por suposições que afastam o mercado da sociedade. A atomicidade, a simetria de informações, os processos de maximização, são exemplos destas condicionalidades e esses fazem com que a economia se situe, num lugar de simplicidade, isolacionismo e irrealidade que não existe. Podemos dizer que a economia está imersa no campo das ciências sociais aplicadas, no entanto ela decide pelo lado da aplicação (racionalidade instrumental exagerada) e foge do lado da sociedade, ou seja, se descola do mundo social. Bourdieu vai trazer o mundo social para a construção do mercado e da economia.

A parte superior da figura 2, mostra a racionalidade instrumental da economia neoclássica de uma maneira objetiva e simplificada. A parte superior está dividida em três partes, a parte central mostra o conjunto de suposições adotadas para definição da demanda e consumo (a esquerda) e oferta e produção (a direita), o equilíbrio é encontrado conforme o modelo teórico estabelecido. Na parte inferior seguimos a mesma lógica, no entanto, temos no quadro do meio um conjunto de conceitos que não nos leva a nenhum equilíbrio, mas permite que entendamos o mercado como uma construção social de enorme complexidade.

À esquerda da Figura 2 a função demanda, relaciona-se basicamente com o preço (Qd = f(P)), embora seja fortemente influenciada por outras variáveis, como as preferencias, renda, características do bem, etc, que são "definidas" como "dadas", constantes. É o mesmo que dizer, no caso das preferências, que elas são reveladas, ou seja, sabemos previamente o que os agentes preferem, quais seus gostos, etc. Como estamos analisando o mercado da casa, e este por sua vez estará relacionado com o nível de renda, achamos interessante ilustrar a função consumo, porque nela temos variáveis e parâmetros importantes para contrapor as duas estruturas metodológicas apresentadas na Figura 2.

A função consumo é dada por (C = C0 + PmgC(Yd) + e), onde C é o consumo das famílias; C0 é o consumo autônomo, ou que independe da renda; PmgC é a propensão marginal a consumir e Yd é a renda disponível (renda – impostos). A função nos diz: dado o aumento em uma unidade na renda disponível, o consumo das famílias vai aumentar conforme a sua propensão marginal a consumir e então termos a capacidade de resposta do consumo dado uma variação no nível e renda. Não é nosso objetivo aqui, mas poderíamos avançar incluindo a função poupança, fica para um outro momento. Bourdieu no mercado da casa assume que há uma forte relação entre consumo e renda, no entanto tem outra explicação, além daquela estatística, gerada por uma série dada de informações, para o comportamento da PmgC, então ele não nega, mas parte disso para uma análise que incorpora diversas dimensões da ordem social para explicar a ação econômica.

O mesmo ocorre com a oferta (QS=g(P)), que além de ter outras variáveis de influência estará sujeita ao preço. Quanto maior o preço maior a oferta, essa é uma lei geral válida, no entanto, não é tão simples assim, existem práticas, saberes, comportamentos que são muito importantes e devem ser levados em consideração ao se analisar a oferta. O conceito de campo nos ajuda neste aspecto. A função de produção dada por Y = F (K, L) onde Y é o nível de produto; K é o capital econômico e L é o número de trabalhadores, como a função é de curto prazo, o capital econômico é fixo, ou seja, não

varia. A função nos traz muita coisa, lei de rendimentos, produtividade média, produtividade marginal, composição de capitais, etc, no entanto só o nível de trabalho determinar o nível de produto, que obviamente será o nível ótimo quando (PMgL = 0) a firma atuará neste ponto, pois qualquer ponto que não seja esse supõe que o agente não é racional. Bourdieu analisa a produção de casa por uma estrutura metodológica diferente que valoriza o contexto histórico, as relações, o estrutura e a composição dos capitais que junto com o hábito vai manter ou transformar posições.

A parte superior da Figura 2, apresenta mecanismos válidos, funcionais, mas incompletos para a análise da ação econômica. Bourdieu vem e contrapõe a análise não descolando a economia da sociedade, ele troca o "pura" por "estruturas sociais" e complexifica tudo, bagunça tudo e também torna mais interessante, mais próxima da realidade e com possibilidades riquíssimas de diferenciação de práticas, que sem dúvida auxiliam no processo de desnaturalizar aquilo que a economia naturaliza. Se na economia a generalização e universalização simplifica tudo, considerando o comportamento individual como comportamento de todos, aqui o autor está dizendo o contrário, se há um comportamento de um pequeno grupo diferente, esse comportamento é importante, relevante e deve ser analisado.

Daí deriva o embasamento da estrutura teórica do autor e para fazer isso ele tem um sistema de conceitos sofisticados para entender a ação econômica. Os tipos de capital, o econômico, social, o simbólico (eco, social, humano e simbólico): que de acordo com sua estrutura, volume e composição, vai influenciar o habitus, o capital vai se materializar no habitus, dentro de um campo e a partir dessa estrutura (que é relacional) ocorrerá a tomada de decisão e posição. Na parte superior da Figura 2 temos a ilustração do processo de tomada de decisão na economia e na parte inferior da Figura 2, o processo de tomada de decisão proposto por Bourdieu, onde temos uma economia mais pé no chão, mais realista e que traz questões importantes para compreensão do mundo social e da ação econômica imersa e indissociável deste mundo.

4.1 – A análise de Pierre Bourdieu sobre o Mercado da casa

No mercado da casa o autor faz uma análise da procura e da oferta. Pelo lado da procura temos basicamente: as disposição dos agentes, o mito da casa e o espaço dos compradores. A partir dessas dessas questões, com base na seu sistema conceitual ele vai explicar a demanda, dando valor a formação das preferências ao processo de constituição das propensões e chegará a uma série de informações sobre a demanda por habitações. Ele analisa cada um dos componentes e aprofunda conforme proposto em seu método (Figura 1).

Pelo lado da produção sua análise tem como foco: a lógica do campo de produção e de como a concorrência se estrutura neste campo, o campo dos construtores e de como a estrutura das empresas são diferentes; vai classificar as tipologias de casa, ou seja, que tipo de bem é uma casa? Estratégias publicitárias que são utilizadas e como podem ou não influenciar aquele mercado; analisa ainda o efeito crise e o seu impacto na estrutura que pode dar origem a uma crise do efeito campo, que por sua vez, pode marcar uma mudança, uma transformação do habitus, estruturado (ou reestruturado) conforme volume e estrutura do capital, se alterando conforme ocorrem mudanças de posição. E, para finalizar o ator analisa a estratégia da empresa como campo. Na leitura da obra acha-se que o autor falará de uma maneira mais geral, no entanto ele fala do campo empresa, porque? Porque as empresas tem uma estrutura, tem posições, tem hierarquia de posição, tem disposição, tem habitus e portanto, estrutura e volume de capital que irão influenciar a tomada de decisão. Se todo o mercado da casa é tratado como campo, o campo econômico, temos uma derivação do campo econômico em diversos outros, sem se ter um limite quanto a isso, esse limite será estabelecido pela análise, sempre que forem percebidos seus fundamentos.

Para finalizar, é importante incluir uma variável importante a nossa análise, que ora é desconsiderada e ora é considerada como exógena pela economia, essa variável é o governo, Estado. O autor considera o Estado como uma variável endógena e com papel fundamental, é o Estado que faz a construção social do mercado da casa (definindo uma série de políticas que distribuem recursos e fatores). Toda análise do autor, envolve a estrutura conceitual (figura 1) para compreendermos como o Estado faz essa construção. A hierarquia, o conjunto de instituições, os campos, como o burocrático, por exemplo, as variáveis invariantes, na qual existe uma objetividade que mantém determinadas invariantes, e ainda sobre quem o Estado privilegia.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Só é possível compreender completamente o pensamento de Bourdieu se fizer referência a essa concepção neoclássica da economia. Toda a discussão dele é para descontruir que existe uma esfera separada da sociedade que é a economia, de tal maneira que podemos falar da suposição que existe economia e sociedade. O exercício dele nesse texto é descontruir essa visão que existe de um lado a economia e de outro a sociedade e portanto, ela não pode ser entendida pela parâmetro de uma estrutura organizada dentro da lógica racional instrumental (leis, informação, atomicidade, etc) então toda a argumentação pressupõe saber esses pressupostos para entender a linguagem dele.

A questão do mito da casa é extremamente importante, o mito relata a formação de preferencias e propensões e a mudança disso no tempo, não é só a estrutura e volume do capital, mas como que isso evolui com o tempo, então o mito da casa diz isso. A casa possui mais significado do que um instrumental racional consegue abordar, traz o "ser "do proprietário, o papel da casa na reprodução familiar e sobre a herança. Novos tempos, mudanças e transformações vão ocorrendo e o sentido da casa vai se alterando, a casa herdada perde seu significado e abre espaço para outros tipos de habitação, outras formas de aquisição que vai fazendo com que a casa deixe de ser um símbolo e casa tradicional vai dar lugar a casa funcional.

Parte dessa mudança ocorre por estratégia publicitária, mas o tipo de casa se transforma de fato com a crise do campo empresa. A análise de Bourdieu mostra que quanto mais alto se está na hierarquia, mais o indivíduo associa casa a símbolo, quem produz casa tradicional são as pequenas empresas artesanais, cujo modo de produção é importante porque mantém as características da casa tradicional; então as categorias de maior renda querem essas casas produzidas pelas pequenas empresas artesanais. Já as classes mais baixas, que conformam a demanda por casas industriais, de catálogo, etc, sofrem mais com a crise da habitação e então as grandes empresas perdem muitos clientes. Um mercado concorrencial com empresas que atuam no mesmo campo, com diferentes estruturas, não tem uma concorrência tão acirrada, é a empresa artesanal que sustentam a simbologia da casa. A partir da crise a casa moderna personalizada ocupa o lugar da casa tradicional.

Essa transformação fica clara na análise do campo empresa e da crise do campo, quando as empresas se reestruturam para superar a crise. Em todo seu estudo sobre como se constitui o mercado de moradia, com todo seu arsenal, destacamos que o problema de fundo não era explicar a habitação, mas o ponto central é usar a habitação para pensar a sociedade superando a visão economicista, não é sociedade e economia, sociedade e território, sociedade e estado, é a sociedade que constitui a o fato social, seu propósito é então desmistificar, desconstruir uma "doxa" erudita, mais teorizada, que existe uma economia um campo específico separado de ação e estrutura da sociedade.

Os economistas mais envergonhados dessa "doxa", falam da economia institucional ou economia das convenções, que é uma tentativa do discurso econômico economicista trazer um pouco o social, mas na realidade não rompe que há uma separação, apenas complexifica os paradigmas econômicos. As preferencias das pessoas pela casa, que a economia simplifica em função de uma certa ideia de utilidade homogênea depende muito do significado da casa como elemento de inserção das pessoas na sociedade. Então, as preferência dependem do habitus, o indivíduo vai escolher determinado tipo não necessariamente porque ela tem uma utilidade racionalmente pensada, mas em função do significado que ela tem e do habitus. Esse habitus difere de classe para classe, grupo social para grupo social, é influenciado pela história, pela história da casa em determinada sociedade, pode ser dotado de mais significados e não puramente da utilidade material dela. A comparação não é só de um bem, coisificado, é mais que isso. Não é passível de ser traduzido pela teoria do consumidor, que faz um corte social, a um nível de abstração que foge do que é muito importante, que é o mundo social.O espaço social vai se organizar em campo, que é o conjunto de posições próximas a si, como se institucionaliza um campo de ação. Não há uma teoria geral do campo, cada sociedade vai organizar por posições próximas ao espaço social, e conforme o capital que constitui o campo. É o resultado da institucionalização das posições em função da posição do capital que constitui aquela posição. Instituições são posições legítimas para a tomada de posição em um campo específico, conforme categorias de percepção, categorias de visão e habitus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. As Estruturas Sociais da Economia. Introdução. O mercado da casa: disposições dos agentes e estruturas do campo de produção. O Estado e a construção do mercado. Porto: Campo das Letras, 2006, pp. 13-169.

BOURDIEU, P. Efeitos do Lugar. In: BOURDIEU, P. (Org.) Miséria do Mundo. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 159 a 166.

BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: Razões Práticas – sobre a teoria da ação. Campinas, Ed. Papirus, 2016 [1994], p. 13 – 33.

BOURDIEU, P. Ofício de sociólogo, Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, Vozes, 2007. Segunda parte, A construção do objeto, págs. 45 a 72.

Notas das aulas de Sociologia e Território. IPPUR/UFRJ,2018.

PERPET, G. A sociologia da economia de Pierre Bourdieu. Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, v.03.05: 91-117, 2013.SILVA, José Antônio. *A cidade que dorme: uma visão alternativa*. Natal: EDITORA TAL, 2018.

SOUZA, Maria Antônia. Era uma vez na cidade. (33-44). In: Silva, José Antônio. *A cidade que dorme: uma visão alternativa*. Natal: EDITORA TAL, 2018.

SILVA, José Antônio. A cidade adormecida. *RBEUR – Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.12, n.3, 78-91, 2018.